



## FAMÍLIA, ESCOLA E VULNERABILIDADE SOCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O PIBID NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nascimento, Vitória Menezes do <sup>1</sup>

Bitencourt, Kailany Carvalho <sup>2</sup>

Ribeiro, Daniela Cechin Fagundes

<sup>3</sup>

Siqueira, Idamara Carvalho <sup>4</sup>

Sueli Salva <sup>5</sup>

### RESUMO

A família e a escola desempenham papéis fundamentais para a formação das crianças. No ambiente familiar, a criança estabelece seu primeiro espaço de socialização, desenvolvendo vínculos afetivos e valores. No âmbito da vulnerabilidade social, o acompanhamento das famílias no contexto escolar pode ser menos presente, o que pode, de algum modo, influenciar no desenvolvimento. A escola, por sua vez, tem o compromisso de educar e cuidar, buscando diminuir o impacto da vulnerabilidade, uma vez que, ao cumprir com as DCNEI (BRASIL, 2010) pode promover a convivência e interações. Assim, uma relação aberta e de diálogo com as famílias, professoras e demais pessoas que atuam na escola, pode contribuir para a criação de um ambiente de acolhimento. Deste modo, objetiva-se compreender a importância da integração entre família e escola para o desenvolvimento integral da criança, tomando como referência a experiência do PIBID-Educação Infantil na EMEF Maria de Lourdes Ramos Castro e o nosso envolvimento em ações de com as famílias. Neste sentido, evidencia-se que a escola valoriza o vínculo com a comunidade, promovendo ações que aproximam crianças e famílias. Um exemplo significativo é o “Dia de quem cuida”, ocasião em que as famílias são convidadas para participar de atividades junto às crianças. Na turma do Pré-A, foi possível observar a presença constante e colaborativa das famílias desde os primeiros dias de inserção, demonstrando interesse e comprometimento com a educação. Entretanto, reconhece-se que nem todas as realidades seguem esse percurso, já que nem todas as famílias estão igualmente presentes no processo educativo. Dessa maneira é importante destacar o papel da comunidade escolar nessas situações de dificuldades familiares. A escola pode ser um ambiente de encontro e acolhimento, contribuindo para a formação integral das crianças. Além disso, pode ser uma possibilidade de reconectar a família à formação do seu filho.

**Palavras-chave:** Vulnerabilidade social, Educação, Escola, Família.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria- RS, [nascimento.vitoria@acad.ufsm.br](mailto:nascimento.vitoria@acad.ufsm.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria- RS, [kailany.carvalho@acad.ufsm.br](mailto:kailany.carvalho@acad.ufsm.br)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria- RS, [daniela-cechin.fagundes@acad.ufsm.br](mailto:daniela-cechin.fagundes@acad.ufsm.br)

<sup>4</sup> Doutoranda em Educação vinculada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria - RS, [idamestrado@gmail.com](mailto:idamestrado@gmail.com);

<sup>5</sup> Doutora em Educação (UFRGS), Mestre em Educação (UFRGS). Professora no Departamento de Metodologia do Ensino, no CE, UFSM, [sueli.salva@ufsm.br](mailto:sueli.salva@ufsm.br)

## **INTRODUÇÃO**

Este relato tem como objetivo apresentar a experiência vivenciada no PIBID-Educação Infantil na E.M.E.F. Maria de Lourdes Ramos Castro, no período de 2025, momento que foi supervisionado pela professora Idamara Siqueira e coordenado pela professora Sueli Salva. O propósito deste trabalho é aproximar o leitor da vida cotidiana das famílias em situação de vulnerabilidade social, evidenciando a importância do fortalecimento do papel da escola no processo de integração destas famílias no ambiente escolar. Considerando que a participação dos responsáveis é de extrema importância para o desenvolvimento das crianças, contribuindo significativamente para crescimento emocional e social.

Ao presenciar a desigualdade social e a marginalização, desperta no docente a necessidade de construir um ensino ainda mais humano, sensível e significativo. Estar inserido no cotidiano das crianças, compreender suas dificuldades, suas inseguranças, conhecer suas trajetórias e o seu contexto social faz o professor desenvolver um olhar mais atento e empático, fortalecendo o vínculo com seus alunos, dessa forma tornando o processo educativo transformador. Segundo Paulo Freire, ensinar exige o reconhecimento da realidade dos educandos, bem como aos seus saberes e experiências (FREIRE, 1996).

Neste sentido, evidencia-se que a escola valoriza o vínculo com a comunidade, promovendo ações que aproximam crianças e famílias. Um exemplo significativo é o “Dia de quem cuida”, ocasião em que as famílias são convidadas para participar de atividades junto às crianças. Na turma do Pré-A, foi possível observar a presença constante e colaborativa das famílias desde os primeiros dias de inserção, demonstrando interesse e comprometimento com a educação. Entretanto, reconhece-se que nem todas as realidades seguem esse percurso, já que nem todas as famílias estão igualmente presentes no processo educativo. Dessa maneira, é necessário continuar propondo atividades e motivar as famílias a estarem presentes.

## **DESENVOLVIMENTO**

Para começar a compreender as trajetórias das crianças e de suas famílias é preciso entender o local onde a escola está situada - o bairro, suas dinâmicas sociais, culturais e econômicas - possibilitando ao educador planejar práticas pedagógicas mais acessíveis e contextualizadas. Ao entender a realidade da comunidade, o professor amplia sua escuta, fortalecendo os vínculos e construindo propostas que dialogam com o cotidiano dos alunos, tornando a aprendizagem relevante.

A escola Maria de Lourdes Ramos Castro, situa-se no bairro Brizola, no Diácono João Luiz Pozzobon, Santa Maria, Rio Grande do Sul. No bairro existem características singulares, sendo o resultado da sua formação histórica. A comunidade local convive com problemas sociais e estruturais, como falta de segurança e insegurança alimentar. Visto que esse loteamento foi destinado para a população de baixa renda na cidade de Santa Maria-RS (ZANATTA, 2011). Pode-se destacar que ao redor do bairro também temos outros na mesma situação como Jardim Berleze, Vila Maringá, Zilda Arns e Dom Ivo Lorscheiter. Alguns desses bairros sofrem com falta de saneamento básico, falta de infraestrutura, ocupação imprópria para habitação e serviço público deficitário, como iluminação pública e paradas de ônibus (RIZZATTI; SPODE, 2019).

A partir desse contexto, torna-se mais evidente a realidade das crianças que residem nesses bairros. Diante disso, iremos pensar em propostas pedagógicas e projetos na escola. Mesmo com dificuldades enfrentadas pelas famílias é fundamental que haja participação no ambiente escolar, pois o professor precisa compreender a necessidade de cada criança e quem pode facilitar esse processo são os pais. A escola deve proporcionar um ambiente agradável e acessível para a presença dos pais, um lugar que ninguém se sinta constrangido, mas sim valorizado e pertencente, favorecendo sua aproximação e permanência.

Vale destacar que estrutura familiar pode existir de diversas formas, isso deve ser trabalhado na escola, a fim de evitar preconceitos estigmatização, promovendo o respeito às diferentes realidades e fortalecendo uma educação inclusiva e sensível às diversidades sociais (BNCC, 2017).

Nas situações de desigualdade como essa apresentada, torna-se pertinente pensar no modelo educacional cubano. Segundo a Revista Diversa da UFMG (2011), Cuba apresenta um dos menores índices de analfabetismo da América Latina, reflexo de sua política educacional permanente. Um sistema educacional que apesar das dificuldades financeiras, tem um índice muito baixo de evasão e alta alfabetização, sendo um ensino pensado na redução das disparidades sociais.

A família constitui o primeiro espaço de socialização da criança e exerce influência decisiva na formação de valores, hábitos, atitudes e formas de interação com o mundo. É no ambiente familiar que a criança tem seus primeiros contatos com a linguagem, com as regras de convivência e com as experiências afetivas que moldam sua maneira de perceber a si mesma e aos outros. Na Educação Infantil, essa influência torna-se ainda mais evidente, pois a criança encontra-se em fase intensa de desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e social. Conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade. Dessa forma, não se trata de funções isoladas, mas de uma relação

de corresponsabilidade entre escola e família, em que ambas atuam de maneira articulada para promover o crescimento pleno da criança.

Do ponto de vista teórico, o desenvolvimento infantil é profundamente marcado pelas interações sociais. Lev Vygotsky defende que o aprendizado ocorre por meio da mediação social, ou seja, a criança aprende nas relações que estabelece com adultos e outras crianças. Para o autor, o desenvolvimento cognitivo está diretamente relacionado ao contexto cultural e às experiências compartilhadas. A família, portanto, é a primeira mediadora do conhecimento. Antes mesmo de ingressar na escola, a criança já construiu saberes sobre linguagem, convivência, limites, organização do cotidiano e valores sociais, todos influenciados pelo ambiente familiar. Quando esse ambiente oferece estímulos variados, diálogo constante, escuta atenta e acompanhamento, a criança tende a chegar à escola mais segura, curiosa e preparada para vivenciar novas experiências de aprendizagem.

Além da dimensão cognitiva, a afetividade ocupa papel central no desenvolvimento infantil. Henri Wallon enfatiza que emoção e aprendizagem são indissociáveis, defendendo que o desenvolvimento da criança ocorre de forma integrada entre aspectos motores, cognitivos e afetivos. A segurança emocional proporcionada pela família contribui para que a criança desenvolva autonomia, autoconfiança e capacidade de enfrentar desafios. Esses elementos são fundamentais para explorar o ambiente escolar, interagir com colegas e construir novos conhecimentos. Crianças que se sentem acolhidas, valorizadas e apoiadas em casa tendem a demonstrar maior interesse pelas atividades propostas, estabelecem vínculos positivos com professores e colegas e enfrentam frustrações com mais equilíbrio e resiliência.

A participação da família como suporte escolar manifesta-se de diferentes formas. Não se resume apenas à presença física em reuniões ou eventos, mas inclui atitudes cotidianas que demonstram interesse e compromisso com a vida escolar da criança. Conversar sobre o que foi aprendido, valorizar produções como desenhos e atividades, estabelecer rotinas organizadas de sono e alimentação, incentivar a autonomia nas tarefas diárias e acompanhar o desenvolvimento são práticas que fortalecem o vínculo entre família e escola. Pequenas ações, como perguntar “o que você fez hoje na escola?” ou ler uma história antes de dormir, reforçam a importância da aprendizagem e mostram à criança que sua trajetória escolar é significativa.

Entretanto, quando essa presença é fragilizada ou inexistente, podem surgir impactos relevantes no desenvolvimento infantil. A ausência de acompanhamento familiar pode gerar insegurança emocional, refletida em comportamentos como choro frequente, dificuldade de adaptação à rotina escolar, medo excessivo, agressividade ou dependência constante do professor. Algumas crianças podem apresentar necessidade intensa de atenção como forma de suprir carências afetivas, enquanto outras tendem ao isolamento, demonstrando retraimento e pouca participação nas atividades coletivas.

Outro aspecto relevante é a autoestima. A valorização das conquistas da criança pela família contribui para a construção de uma imagem positiva de si mesma. Quando não há reconhecimento, incentivo ou demonstração de interesse pelas atividades escolares, a criança pode interpretar que seus esforços não são importantes, o que compromete sua motivação para aprender. A falta de estímulo também pode afetar o desenvolvimento da autonomia, tornando-a mais insegura diante de desafios simples, como organizar seus materiais ou participar de apresentações em grupo.

No campo da socialização, a ausência da família no diálogo com a escola pode dificultar a construção de estratégias conjuntas para lidar com conflitos e limites. A Educação Infantil é um espaço privilegiado para a aprendizagem de regras de convivência, respeito às diferenças, cooperação e resolução de conflitos. Quando escola e família não compartilham valores ou não mantêm comunicação constante, a criança pode receber orientações contraditórias, gerando confusão e comportamentos inadequados. Em alguns casos, manifesta resistência às normas, dificuldade em respeitar combinados ou atitudes agressivas diante de frustrações.

O desenvolvimento da linguagem também pode ser impactado. A interação verbal no ambiente familiar é essencial para ampliar o vocabulário, estimular a curiosidade, desenvolver a imaginação e fortalecer a capacidade de argumentação. Crianças que vivenciam ambientes com pouca comunicação, escassa leitura ou ausência de diálogo podem apresentar dificuldades na oralidade, o que interfere tanto na aprendizagem quanto na interação social. A escola desempenha papel fundamental nesse processo, promovendo experiências diversificadas de linguagem, mas o suporte familiar potencializa significativamente esses avanços ao criar um ambiente rico em trocas comunicativas.

É importante destacar que a ausência familiar na escola não deve ser interpretada de forma simples como desinteresse. Diversos fatores sociais, econômicos e culturais podem contribuir para esse distanciamento. A extensa jornada de trabalho enfrentada por muitas famílias é um dos principais fatores. A necessidade de garantir sustento limita o tempo disponível para acompanhar reuniões, eventos e atividades escolares. Em contextos de vulnerabilidade social, a prioridade muitas vezes é assegurar condições básicas de sobrevivência, o que impacta diretamente a participação na vida escolar da criança.

Além disso, o baixo nível de escolaridade de alguns responsáveis pode gerar insegurança e afastamento. Pais ou responsáveis que tiveram pouco acesso à educação formal podem sentir-se incapazes de contribuir com o processo escolar ou receosos de participar de reuniões por medo de julgamentos. Experiências negativas vividas na própria trajetória escolar também podem influenciar essa relação, criando barreiras emocionais entre família e instituição.

Outro fator relevante é a configuração das famílias contemporâneas. Mudanças sociais, como o aumento de lares monoparentais, famílias extensas ou responsáveis substitutos (avós, tios ou outros cuidadores), podem gerar sobrecarga para quem assume os cuidados da criança. A rotina acelerada e as múltiplas responsabilidades dificultam a presença constante na escola. Em alguns casos, questões emocionais, conflitos familiares, problemas de saúde ou ausência de rede de apoio também interferem na participação.

Diante desse cenário, a escola precisa adotar uma postura acolhedora, empática e compreensiva, evitando julgamentos e buscando estratégias efetivas de aproximação. A Base Nacional Comum Curricular destaca a importância do diálogo com as famílias e do reconhecimento de suas realidades socioculturais, reforçando que a Educação Infantil deve considerar a criança em sua integralidade. É fundamental que a instituição promova canais de comunicação acessíveis, utilize linguagem clara, valorize a escuta ativa e crie espaços de participação que respeitem a diversidade das famílias.

Projetos que envolvam a comunidade, reuniões em horários alternativos, uso de tecnologias para comunicação e momentos de integração podem fortalecer a parceria. Quando família e escola estabelecem uma relação baseada na confiança, no respeito mútuo e na cooperação, os benefícios para a criança são evidentes. O alinhamento de expectativas, a construção conjunta de estratégias e o compartilhamento de responsabilidades favorecem o desenvolvimento integral, tornando o processo educativo mais coerente e significativo. Reconhecer que educar é uma tarefa compartilhada entre diferentes espaços de cuidado e aprendizagem.

Diante desse contexto, torna-se fundamental compreender que a escola, especialmente na Educação Infantil, exerce um papel que ultrapassa o ensino de conteúdos escolares, assumindo também uma função social de acolhimento, cuidado e promoção do desenvolvimento integral das crianças. Em territórios marcados por vulnerabilidade social, a instituição escolar muitas vezes representa um dos poucos espaços estruturados e seguros para as crianças e suas famílias. Nesse sentido, a escola passa a desempenhar uma função essencial na promoção do bem estar, na construção da identidade e no desenvolvimento integral das crianças.

Conforme destacado por Paulo Freire (1996), a prática educativa deve estar fundamentada no respeito à realidade dos educandos e na valorização de seus saberes. Isso implica reconhecer que cada criança chega à escola trazendo consigo experiências, vivências e conhecimentos construídos em seu contexto familiar e social. Ao considerar essas experiências, o professor fortalece o vínculo pedagógico e contribui para a construção de uma educação mais significativa e humanizada. Essa perspectiva é especialmente relevante em contexto de vulnerabilidade, nos quais a escola pode atuar como agente de transformação social.

Torna - se evidente que a construção de uma relação de confiança entre família e escola não ocorre de forma imediata, mas é resultado de um processo contínuo de diálogo, respeito e acolhimento. A escola precisa criar estratégias que favoreçam essa aproximação, como promovendo momentos de integração, desenvolvendo projetos que envolvam a participação familiar e estabelecer canais de comunicação acessíveis. pequenas ações, como conversas no momento da entrada ou saída das crianças, envio de registros das atividades realizadas e convites para participação em eventos escolares, contribuem significativamente para fortalecer o vínculo.

Outro aspecto importante refere-se ao papel da escola como espaço de escuta e apoio às famílias. Em muitos casos, os responsáveis enfrentam desafios relacionados à vulnerabilidade econômica, insegurança alimentar, instabilidade emocional e ausência de rede de apoio. Ao adotar uma postura empática e acolhedora, a escola contribui para o fortalecimento e confiança das famílias e criar um ambiente mais favorável ao desenvolvimento das crianças, quando a família se sente acolhida e valorizada, torna-se mais propensa a participar ativamente da vida escolar da criança, fortalecendo o processo educativo.

Nesse sentido, a experiência vivenciada pelo PIBID evidenciou que, mesmo diante das adversidades sociais, é possível construir relações significativas entre escola e família. A presença das famílias em momentos como o Dia de quem cuida demonstrou que quando há abertura e acolhimento os responsáveis se sentem parte do processo educativo. Essas experiências reforçam a importância de uma prática pedagógica comprometida com o respeito, à inclusão e a valorização das diferentes realidades, contribuindo para uma educação mais justa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência vivenciada por meio do PIBID na Educação infantil possibilitou compreender, de forma concreta, a importância da relação entre escola, família e contexto social no desenvolvimento das crianças. Ao observar a realidade das famílias em situação de vulnerabilidade social, tornou-se evidente que o processo educativo é influenciado por múltiplos fatores que vão além do ambiente escolar, incluindo aspectos econômicos, sociais, emocionais e culturais. Neste contexto, destaca-se que a família exerce um papel fundamental na formação da criança, sendo o primeiro espaço de socialização e construção de vínculos afetivos. Conforme Vygotsky (1991), o desenvolvimento infantil acontece por meio das interações sociais, reforçando a importância da participação no processo educativo. Quando há acompanhamento, apoio e incentivo a criança tende a desenvolver maior autonomia, segurança emocional e interesse pela aprendizagem. Entretanto, é possível compreender que a ausência familiar não deve ser interpretada como falta de interesse, mas sim como um reflexo da vulnerabilidade social, falta de recursos, longas jornadas de trabalho, e experiências escolares negativas que podem dificultar a participação dos responsáveis pelas crianças. Neste sentido, é fundamental que a escola adote uma postura acolhedora, inclusiva e empática, reconhecendo as singularidades de cada família e promovendo estratégias que favoreçam a aproximação das famílias. A vivência no cotidiano escolar permitiu compreender ainda mais que o trabalho pedagógico exige empatia, escuta e respeito às diferentes realidades, reconhecendo a educação como instrumento de transformação social, conforme Paulo Freire (1996). Por fim, conclui-se que o fortalecimento da relação entre escola e família é essencial para promover o desenvolvimento integral das crianças, quando essa parceria é construída com base no respeito, no diálogo e na confiança, torna-se possível favorecer o processo de aprendizagem e contribuir na formação de pessoas mais seguras, confiantes, autônomos e capazes de transformar sua realidade.

## REFERÊNCIAS

RIZZATTI, Maurício; SPODE, Pedro Leonardo Cezar. **A história do bairro Diácono João Luiz Pozzobon, Santa Maria, RS, através de mapas: uma atividade prática com alunos do ensino fundamental.** 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/337449789>. Acesso em: 14 fev. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ZANATTA, Ricardo Nogueira. **A (re)configuração do espaço urbano de Santa Maria-RS sob a ótica territorial e das políticas habitacionais.** 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9347>. Acesso em: 14 fev. 2026.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 fev. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Contraste acentuado. **Revista Diversa**, Belo Horizonte, ed. 15, 2011. Disponível em: [https://www.ufmg.br/diversa/15/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4&Itemid=4&limitstart=1](https://www.ufmg.br/diversa/15/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=4&limitstart=1). Acesso em: 14 fev. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: [https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf). Acesso em: 14 fev. 2026.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2026.